



Director literario:

Arquitecto
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

duarcolletts
 PAPUSSE


À BEIRA MAR

POR

MARIA JOSÉ MALTA

DESENHOS DE E. M.

ladamente e dos seus lábios trémulos sai continuamente esta frase suplicante: — Jesus! Misericórdia!

Grita com mais fôrça... Mas o seu choro perde-se na imensidão daquela horrível noite de inverno. Solta um grito mais agudo e cai desmaiada no solo. Dai a momento alguém abre o portão mansamente e munido duma lanterna aproxima-a do rosto da criança. Em seguida toma-a nos braços e condu-la para uma elegante moradia construida no meio duma quinta.

Num quarto confortável uma senhora e uma menina prestam os primeiros cuidados à pobre criança, que já recuperou os sentidos. Despem-na e deitam-na num fofo leito. O cunsaço e o conforto a que não estava habituado em breve mergulharam o infeliz num sono tranqüilo e reparador. Apagada a luz, as boas criaturas passaram a uma salêta onde as esperava um homem de cabelos e bigode grisalhos, um pouco alto e de aspecto simpático.

— Então que aconteceu? perguntou êle.

Uma criança de lindos olhos azuis e louros cabelos a emoldurar-lhe o rosto fino e correcto, retorquiu numa vozinha suave:

— Estávamos na casa de jantar, quando ouvimos uns gemidos que pareciam de uma criança. Pegámos na lanterna e fomos vêr o que era. Mesmo encostada ao portão estava caída uma criança, que parecia morta. Trouxemo-la, e depois de reanimada deitamo-la ali num quarto. É um lindo menino. Venha vê-lo papá!

E a interessante menina conduziu o pai ao quarto onde estava o pequeno. Identifiquemos agora estas personagens. A pequena chamava-se Lucilla e era filha do dr. Mendes



Noite escura sem lua nem estrélas. Cortando o silêncio trágico da noite, ouve-se o rugir assustador do vento, sacudindo as arvores, arrancando-as...

Por um caminho humido e lamacento um pequeno vulto avança cautelosamente...

Aproxima-se de um pequeno portão de ferro e apoia as mãos nas grades para não cair de fadiga.

O vento, porém, não pára a sua dança infernal, agora e mais feroz.

Na praia, um pouco ao longe, veem-se grandes clarões que continuamente se apagam! São as familias dos pescadores, que andam no mar, e que a tempestade surpreendeu. Vozes humanas clamam ao céu, num desespero atroz, orações fervorosas pelos pobres náufragos. É um espectáculo desolador.

A criancita que se abrigára junto do portão chora deso-

médico aposentado, e um dos mais ricos proprietários da região. Lucília há muito que perdera a mãe, uma bondosa senhora que todos veneravam. Para completar a educação da pequena o doutor trouxera para casa uma precéptora, senhora já velha a quem Lucília muito queria.

Depois de deixarem o quarto Lucília disse ao pai:

— Então papá fiz bem?

— Fizeste, sim, minha filha, queira Deus que sempre assim sejas! Agora vai dormir que já é tarde e a tempestade passou. E dando-lhe um beijo na fronte, afastou-se para o seu quarto. Depois de tagarelar durante algum tempo com D. Virginia, Lucília adormeceu.

No dia seguinte muito cedo, já a pequena estava a pé. Manhã de neve! Os campos da cor do linho pareciam alvas vestes de noiva envergadas ao luar...

Lucília desceu ao jardim, mas a aragem cortante e insupportável que corria, fê-la voltar para casa.

Foi ao quarto do pequeno hospede, mas ele dormia, e dormia sempre.

Meio dia! O sol convertendo em gótas de orvalho a neve que durante tantos dias cobrira os montes, rompeu triunfante daquêle céu que na véspera se mostrava tão implacável.

Entrando pela ampla janéla do quarto onde dormia o pequeno foi bater-lhe de rôsto, voltou-se e abriu os olhos.

Em breve D. Virginia e Lucília rodeavam-no e faziam-lhe

— Fale, fale D. Virginia! — disse o médico jovialmente.

— É ainda sôbre o pequeno que nós ontem salvámos!

— Ainda se não foi embora? — perguntou o pai de Lucília.

— Como quer que êle se vá, sentindo-se tão bem entre nós? — objectou a pequena intencionalmente.

— Ouçamos primeiro D. Virginia — corrigiu o pai.

— Pois bem. Lucília desejava que o Luísito ficasse cá em casa e o doutor tomásse conta da sua educação! declarou D. Virginia.

— Mas é uma verdadeira loucura! Não o posso fazer — exclamou o médico, meio indignado.

Lucília não respondeu, mas os olhos inundaram-se-lhe de lágrimas e a custo reprimia os soluços que lhe embargavam a vós.

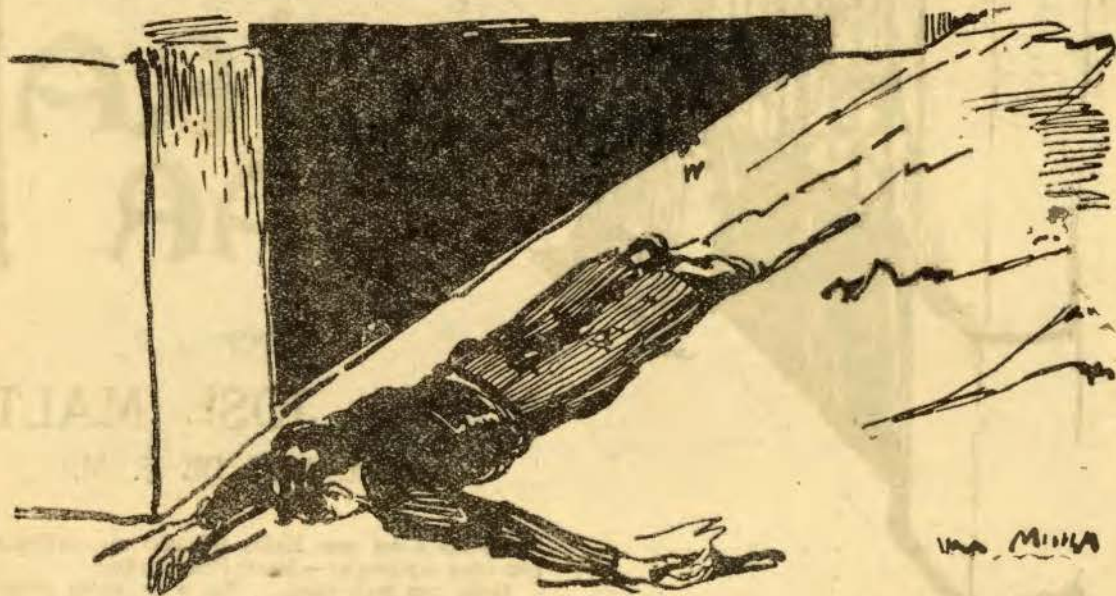
— Mal sabe quanto a faz sofrêr com a sua recusa! — disse D. Virginia em vós baixa.

O dr. Mendes não sabia que dizer. Lucília era todo o seu enlêvo e fazê-la sofrêr era martirisár-se a si próprio, limpou-lhe as lágrimas e afagando-a disse-lhe:

— Vamos, minha filha, não chores!

— Ai! papá! Que seria de mim se não tivesse ninguém que me protegesse e me visse só como o desgraçadinho! Pense nisto e consinta...

Vibrava no doutor a fibra mais sensível do seu coração. Era por Lucília que ía praticár aquele acto humanitário!



inumeras perguntas. A princípio parecia atordoado; ora olhava para Lucília ora olhava para a precéptora. Pouco a pouco foi-se familiarizando com as boas criaturas e contou-lhes a sua história, simples mas bastante triste.

Era filho de um pescador, que nos bancos da Terra Nova perdera a vida. A mãe, uma pobre mulher muito doente, não lhe sobreviveu muito tempo. Fôra assim com nove anos apenas que o pobre Luís (assim se chamava) se vira só no mundo. Os pescadores condoídos da sua sôrte todas as noites lhe davam abrigo nas suas humildes choupanas, mas naquela noite a tempestade surpreendera-o ainda longe do povoado.

Lucília estava bastante entusiasmada com a história do Luísito e D. Virginia sensivelmente emocionada acariciava-o meigamente. Entrou o doutor anunciando o almoço. Lucília correu a contar-lhe todo o sucedido ao pobre Luís, o médico deu-lhe um beijo e levou-o para a mēsa. Comeu com apetite e desembaraço. Depois do almoço brincava alegremente no jardim. Lucília segredava com D. Virginia. Depois de longa conferência dirigiram-se para o escritório onde o dr. Mendes lia os jornais.

D. Virginia tomou a palavra:

— Meu bom doutor, acabo ser encarregado por sua filha, para lhe fazer um pedido.

— Assim seja! era a sua sentença de aprovação. D. Virginia apertou-lhe a mão em sinal de agradecimento e Lucília depois de o beijar muitas vezes, louca de jubilo correu ao jardim onde estava o pequeno.

— Olha, Luísito, queres ficar aqui a vivêr condsco? Dormirás naquela cama em que ficaste tão bem esta noite, e brincarás quando quizeres neste jardim.

— Ai, minha menina, que bom!

E as duas crianças bateram as palmas de contentes.

EPILOGO

Numa calma tarde de verão, uma família reunia-se no terraço duma interessante vivenda, numa piloresca praia do norte.

Era a mesma em que se passara a narrativa anterior.

O mar, ao contrário da primeira vez que o vimos, estava calmo, formando pequenas ondas que se vinham desfazer na praia em blocos de espuma.

Uma senhora ainda nova trabalhava numa pequena obra em «tricot». Recostado numa cadeira de viagem estava um sujeito de estatura elevada e envergando o uniforme de capitão de marinha. No peito luziam-lhe duas medalhas, ates-



tando algum acto de corágem praticado em batalha naval, ou feito de abnegação, em que os nossos marinheiros tantas vezes se distinguem. Rodeavam-nos três interessantes crianças. Joaquim de 11 anos, Isabel de 9 e Eduardo de 7.

— Mamã conte-nos uma história, — pedia a Isabelinha.

— Agora não posso, minha filha! — respondia a boa mãe.

— Olhe conte-nos aquela do príncipe encantado... — insistia o esperto Joaquim.

— Vinde cá meus filhos, que lhes conto uma linda história! — exclamou o pai.

Imediatamente todas as crianças tomaram lugar junto do capitão, e durante meia hora entreteve a curiosidade das crianças com a narração do episódio que deixo descrito: a história de Lucília e de Luís.



— Que boa era essa menina, quem me dára conhecê-la! — exclamou Isabelinha entusiasmada.

— Pois ides todos conhecê-la! — disse o pai levantando-se.

— Onde está? — perguntavam as três crianças a um tempo.

— A santa e boa menina, que com a sua caridade tornou tanta gente feliz, é vossa mãe!

— É o Luísito? — perguntou o curioso Eduardo.

— É vosso pai! — concluiu este.

As três crianças precipitaram-se nos braços dos pais.

— Que linda história, nunca a esquecerei! — repetia o Eduardo.

— Eu hei-de socorrer os desgraçados e os pobresinhos. Quero ser um anjo como a mamã! — dizia muita séria a Isabelinha.

— E eu quero ser marinheiro como o papá, quero andar num grande navio e ter guerras no mar! — exclamou o Eduardo, que prometeu ser um valentão.

— E tu, Joaquim? — perguntou a mãe ao mais velho que se ficára calado.

— Eu desejava ser médico como o foi meu avosinho, cuidar dos doentes e ajuda-los a bem morrer!

Todos estavam radiantes. Foram sempre muito felizes porque cada um se esforçava continuamente por dar exemplos de virtude, daquela virtude sã e despida de affectações que adornava a alma da filha do médico.

Vejam quanto pôde a caridade e a abnegação daquela boa menina.

■ FIM ■



A HERANÇA PATERNA

POR

CARLOS P. DA SILVA

DESENHOS DE E. M.



RA uma vez um pai que tinha dois filhos, dos quais o mais novo lhe disse um dia: — «Meu pai, dê-me a parte que me pertence pois eu quero correr terras, a ver se junto grandes haveres.» Então o pai deu-lhe o que lhe pertencia da herança materna e ele partiu para longes terras.

Passaram-se alguns tempos e o rapaz, vendo que não juntava fortuna, antes ia gastando a sua tença, resolveu voltar à casa

paterna. Chegado à sua terra natal, soube logo que o pai tinha falecido e que o irmão transformára a casa em um palácio, onde vivia regaladamente. Então o rapaz foi ter com o irmão, contou-lhe a sua vida e o irmão respondeu-lhe: — «Eu nada te posso fazer, porque o nosso pai nada me deixou. A ti deixou-te essa caixa velha, recomendando-me que não a abrisse.

Recebeu o rapaz a herança paterna e partiu para outras terras; no caminho desejou ver o que continha a caixa e abriu-a. De repente, sai de dentro um pretinho, muito pe-

queno, que lhe diz: — «Mande, senhor.» — «Mando que me apresentes um palácio com tudo quanto lhe é dado, carruagens e lacaios para me servirem.»

Dito e feito; tudo apareceu como ele desejava. Vivia o rapaz muito feliz no seu palácio, muito mais belo do que o do rei, quando um dia recebeu a noticia de que seu irmão o ia visitar. Foi o irmão recebido ali com grandes festas e em conversa perguntou-lhe como é que, em tão pouco tempo, tinha arranjado tanta coisa. — «Foi a herança que me deixou o nosso pai.» — «Mas, respondem o irmão, a tua herança foi uma caixa velha.» — «Foi o que tu dizes, na verdade; mas dentro dessa caixa é que está o segredo.»

Então o irmão, que era muito máu, tratou de lhe roubar a caixa e, sem que elle dêsse por isso, safou do palácio. Apenas chegou à sua terra, abriu a caixa, e logo o pretinho disse: — «Mande, senhor.» — «Mando que meu irmão fique sem o seu palácio e apareça metido numa prisão e que o meu palácio se transforme noutro, mil vezes melhor do que era o d'ele.»

Tudo assim se fez, e elle ordenou mais ao pretinho: — «Faze com que a filha do conde do Castelo case comigo e eu que fique com o titulo de conde.»

Cumpriu-se tudo como elle desejava, e para não lhe rou-

barem a caixa, trazia-a sempre consigo e dormia com ela debaixo da cabeça. Ora o irmão estava preso, tinha um cão e um gato, os quais, logo que souberam a desgraça do seu dono, trataram de ir ter com ele à prisão. Chegados lá, souberam que o conde, irmão do seu dono, lhe tinha roubado a caixa e cuidaram ambos de ir ao palácio dêle, para a tornarem a trazer. Com êsse fim, fizeram um barquinho de casca de abóbora, pois tinham de atravessar o mar.

No palácio do conde, souberam que êle dormia com a caixa debaixo da cabeça; então o cão disse ao gato: — «Eu meto-me debaixo da cama; tu vais à cosinha molhar o rabo no vinagre e chegas com êle ao nariz do conde e, enquanto êle espirra, eu tiro a caixa e depois fugimos com ela.»

Assim fizeram; e, logo que se acharam fóra do palácio, embarcaram de novo no barquinho e foram navegando. Iam já longe da costa, quando, com a ajuda dum óculo, avistaram um navio de ratos, os quais, assim que conheceram o cão e o gato, içaram a bandeira da paz e ficaram muito assustados.

Mas êles que iam com pressa de entregar a caixa ao dono, não fizeram mal aos ratos e até lhes contaram o motivo da sua viagem. Então os ratos, todos contentes por serem tão bem tratados pelos seus dois maiores inimigos, ficaram-lhes muito gratos e ofereceram-lhes os seus préstimos, para o que fôsse preciso. Nem o cão nem o gato aceitaram o oferecimento, apesar de muito o agradecerem; fizeram as suas despedidas e continuaram navegando,

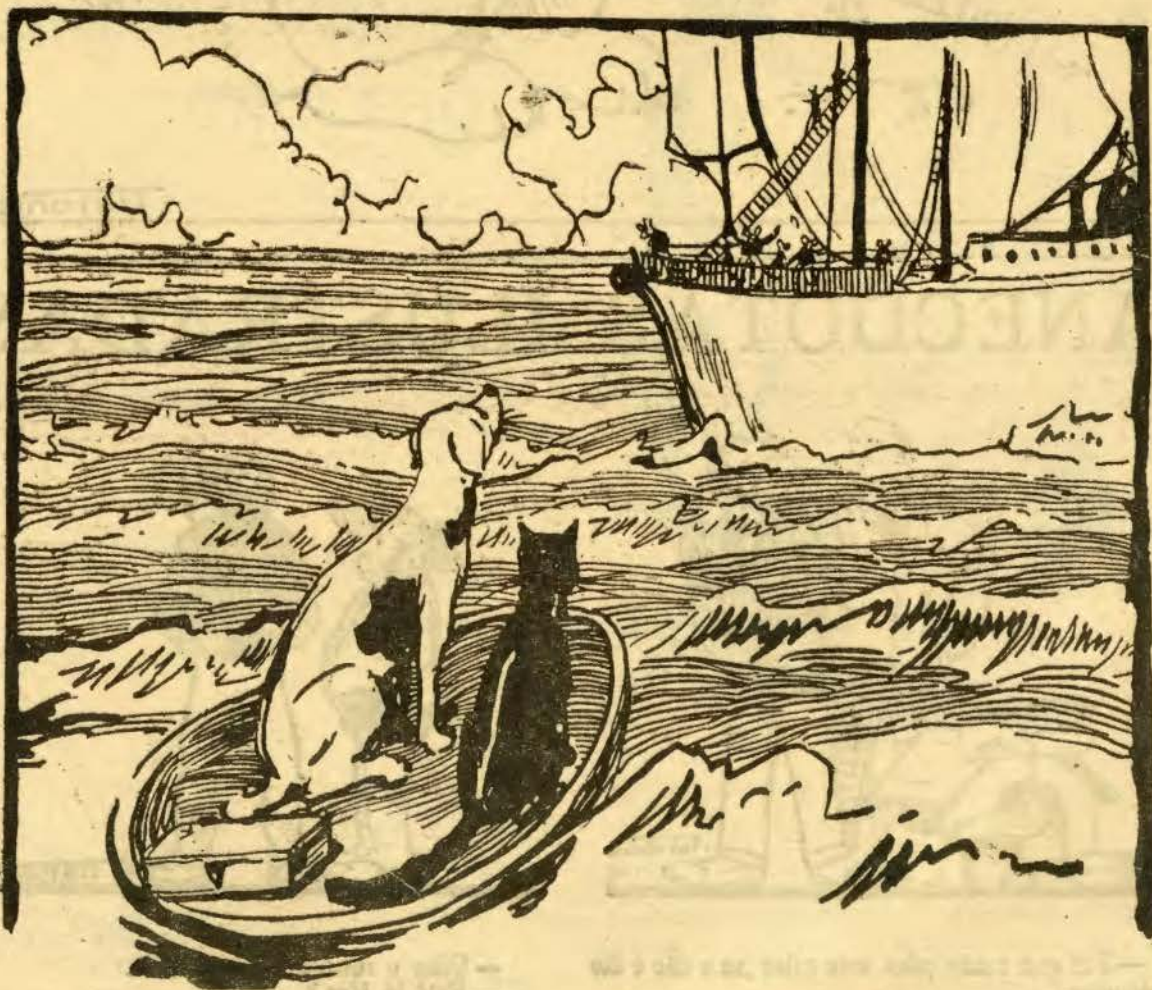
Quando já estavam quasi no termo da viagem, tiveram uma grande questão por causa de decidirem qual havia de ir levar a caixa ao dono, e neste dizes tu direi eu; deixaram cair a caixa ao mar. Então o cão, todo aflito, disse: — «Valha-me aqui o rei dos peixes.» E logo apareceu um grande peixe, que se lhe dirigiu assim: — «Aqui estou; dize o que queres.» — «Eu vinha em viagem e mais o gato, e trazíamos uma caixa que nos caiu ao mar, e só vossa magestade nos pode valer.» — «Eu não sei disso, mas vou chamar os meus vassallos, pois talvez êles saibam.» Então vieram muitos peixes. Uma lagôsta, que trazia uma perna quebrada, disse: — «Eu vi essa caixa, por sinal, que me caiu sobre uma perna e partiu-ma.» O rei dos peixes ordenou-lhe que fôsse buscar a caixa e deu-a ao cão, e tanto êste como o gato, depois de mil agradecimentos, partiram para a prisão do seu dono, resolvendo levarem ambos a caixa às costas.

O dono ficou muito contente, abriu a caixa e disse ao pretinho: — «Quero desfeita esta prisão; quero um palácio em frente do de meu irmão e quero casar com a filha do rei.»

Foi imediatamente satisfeito. Ele então foi ter com o irmão e disse-lhe: — «Podia fazer-te muito mal, mas não quero; antes hei-de repartir contigo a minha riqueza e sere-mos de hoje em diante muito amigos.»

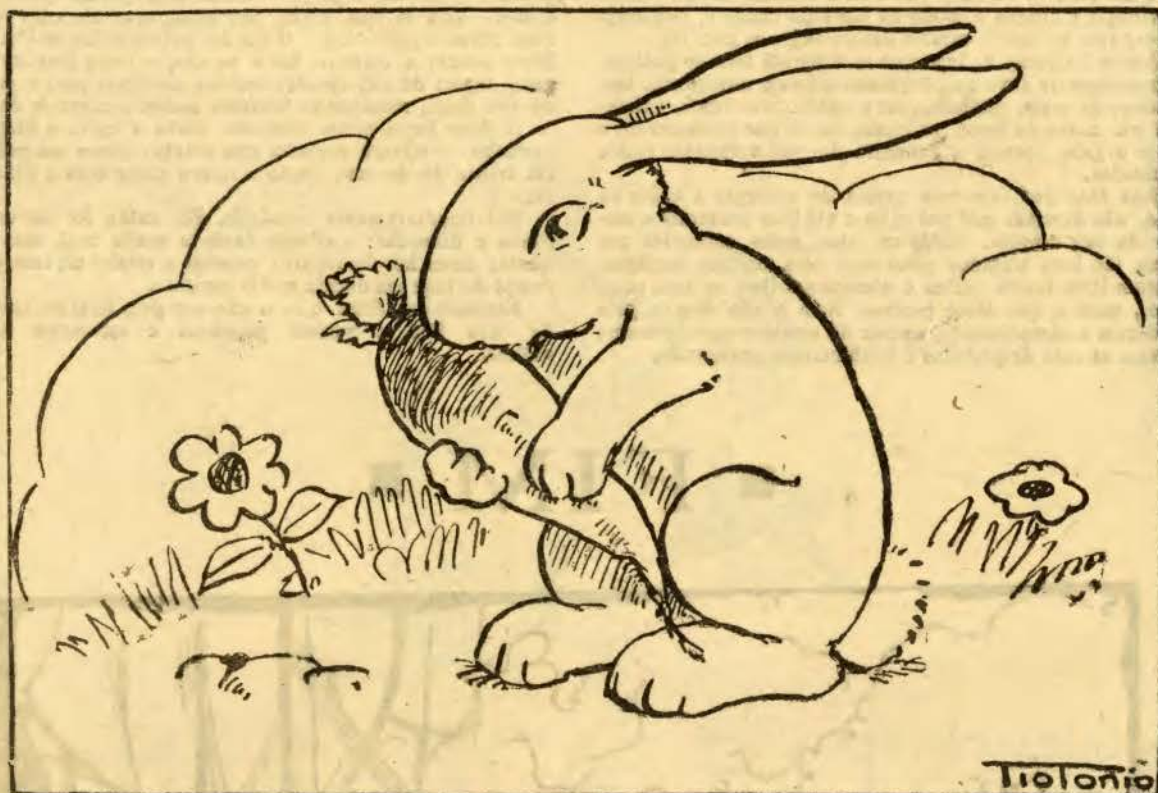
Esquecia-me dizer que o cão e o gato tiveram coleiras de ouro fino e pedras preciosas e morreram muito velhos.

■ FIM ■



Para os meninos colorirem

O ALMÔÇO DO COELHINHO



ANECDOTAS ILUSTRADAS



— Por que razão pões este aviso, se o cão é tão inofensivo?...
— E' para que não o pizem...



— Olha o retrato do meu filho.
— Está lá fóra?
— Não. Está aqui dentro...

MENINOS:

Pedi a vossos papás que vos comprem o

CINÉFILO

a mais completa e mais barata revista de cinematografia.



ADIVINHA

BREVEMENTE

UM IMPORTANTE

CONCURSO

Dois sujeitos desafiaram-se para duelo. Diz um deles:

- Como se chama?
- António de Souza Coelho.
- Não posso bater-me com você.
- Porquê?
- Não tenho licença para caçar.



Num restaurante;

- Está uma mosca n'esta sopa: Venha outra,
- Desculpe, patrão; mas isso não é uma mosca.
- Já te disse que é! Quero outra sopa.
- Será servido; patrão; mas olhe que isso não é uma mosca, no inverno não há moscas. Isso é uma barata.



- Diga-me testemunha, ouviu os dois tiros!
- Ouvi, sim, senhor
- A que distancia estava quando deram o primeiro.
- Estava a trez passos.
- E quando deram o segundo?
- A um quilometro.



Este senhor está a pensar num irmão que ele julga estar em Africa mas que está neste desenho. Vejam se o encontram.

BÉBÉ E A LUA



Poesia de GRACIETTE BRANCO

Desenho de EDUARDO MALTA



(E o seu
clarinho olhar,
cheio de Luz e Graça,
envolve, abraça
o Ceu!

.....
—Ah!

Olha lá,
Mamã?

—Anh?...
—Então...

e a lua velha?!
o que é
que Deus lhe fez?!...

(Pelo olhar da Mamã
perpassa uma scentelha
de Emoção...)

Bébé
diz outra vez:

—Mamã!... Não sabes?!
—Não...

—Sei eu! Sei eu! Sei eu!
Deus parte-as em falhinhas...
E são as estrelinhas
que a gente vê no Céu!

(Passa,
a vibrar,
um sôpro de Harmonia...
Uma vaga Poesia...
Um ar
de trova...)

.....
—Bébé! bébé
Vem cá!
—Que é?!
—A lua-nova!
—Ah!

.....